

Sua ex.º o conde de tomar continua no pleno goso dos seus inauferíveis direitos, o que contribue para se conservar em perfeito estado na sua importante saude.

O DIA DA SERRAÇÃO DA VELHA.



Desde que ha qua- resma e velhas, sempre foi costume na Quarta feira, em que se conta metade dos taes quarenta dias, ser uma velha levada ao

patibulo burlesco, e —zás!— serra se como se fosse um barrote!

E' a mestre Felix, como monopolista desta fazenda, a quem compete a gloria de fornecer a victima, e isto acontece desde que elle roubando, apanhando, comprando, e achando velhas, as tem no seu museu, ficando desta forma prohibida á vista profana o encontrar em Lisboa uma velha, mas que seja em tudo uma boa velha. Uma mulher que só tenha de mau possuir 70 annos, é muito vulgar entre nós, e ninguém a incommoda, mas se a este circumstancia se juntarem as de — ser vesga, leprosa, encarquilhada, paralitica — então pertence a mestre Felix, elle é o seu protector, o seu bijou, o seu ni ni, o seu mi mi, o seu ti ti, e o seu lu lu. Mestre Felix esquentado por ir perdendo cada anno um dos seus caros penhores, reconsiderou, e disse: — Basta! não dou mais carne velha; já ha bastantes annos tenho cedido parte da minha fortuna velhecida, e então — nada — alto frente!

Ora o Felix não é daquelles homens que hoje dizem uma cousa, e ámanhã outra, não é o Rebellozinho, que é firme como um catavento em dia de tempestade, certo como um relógio de Pexebeque, vendido ou comprado na rua do Arsenal; seguro como o dinheiro dado ao conde de caleche, por acções de companhias monstros; estavel como qualquer cousa que está, seja aonde fôr; etc. etc. Não senhor, o Felix não é destes, disse, e está dito.

Nestas circumstancias apuradas, a irmandade deitou sortes para quem havia fornecer a velha, cahiu a sorte em preto, em mr. Commendatore-Cadastrone.

Ora agora ahí o vereis! O homem atrapalhado arranca os cabellos, dá murros nas costas, dentadas no nariz, e pontapés nos hombros, desespera, delira, despe o Josésinho, assim a modo de quem está com ella figada, põe a cabeça de pavão no logar da sua, e foi esta bella metamor-

phose que lhe suggeriu a famosa lembrança! Ah! achei a pedra philosophal, estou salvo... e de caminho vai á gaveta do banco onde tem a ferramenta, procura entre as cevellas, buchos, cravadores, facas, pinos, troquezes, brochas e manipullos, e nada encontra. Nova seringaço, novo desgosto, nova difficuldade, mas desta vez quem pagou foi o aprendiz, que levou a sua conta de tirapé! E no fim de tanta lida o que faz o triste ratão?!... Procura com mais vagar, e encontra debaixo do côco da massa um baralho de cartas, mas de côr já duvidosa, procura d'entre ellas a mais velha, e eis a destinada ao cadafalso!

Contente, qual rato antes de cahir na ratoeira; rapaz com 5 réis de favas torradas; saloio com um pinto em prata; agiota no tempo dos Cabraes; cangalheiro em dia de enterro a coche; Rebellozinho quando rõe as unhas; soldado quando lhe dão a baixa; e trabalhador quando dá meio dia, elle ahí vai correndo, saltando, pulando e brincando. levar a sua victima! e é elle mesmo o algoz!! Assim acaba de cumprir a sua missão! A pobre carta de espadas é feita em duas, e em testamento só lhe deixa licença para comer macarrão, e liberdade de fabricar lazenha!

Pergunta. — Com que cara apparecerá ámanhã este ratão?

Resposta. — Com cara de pavão!

CARTA

Do rei Moabdar do Egypto a Luiz Augusto.



Filho mais velho da ursa maior, irmão gêmeo do touro, primo co-irmão do grande canzarrão. São estes os titulos sublimados, que competem ao nosso pontifice Maximo, homem careca de grande saber, que

não debes confundir com o vosso Albano — tambem careca, e tambem de profunda massa encephalica.

Tu és uma estrella de justiça, um abysmo de sciencia, és um espelho de verdade; tens o peso do chumbo, a consistencia do ferro, o brilho do diamante, e muita afinidade com o ouro... Mas a par disto, meu Luiz, possues um defeito, és sujo, sujo no corpo, na alma, e no pensamento. E essa sujidade que dileita, que expende, que faz refolgar, tripudiar e tremmer os Egyptcios, os Chaldêos, os Gregos, os Celtas e até o proprio Brama — está revelada nas tuas acções e no teu proceder.

Quem te viu rompendo as turbas, segundo li no periodico de Tidor, no Terreiro do Paço, para que o marechal não fosse contaminado pelo halito apestado do povo — quem contemplou aquelle *coxicho* de aba derreada, que trazias no cocuruto da cabeça — quem admirou aquelle junco delicado que meneavas na dextra, e que fazia honra ao mais esguio *janota* de acompanhar banda marcial nesse teu bello paiz — por certo fica de queixo cahido devorando a tua *Imprensa*, que se gasta como canella de Ceilão no mercado de Bassora. Ah! Luiz, bem o disse o grande Zoroastre: « Quando comeres dá um osso aos cães, senão olha que te mordem! »

Que és, que has sido? O Arco Iris não tem mais côres do que tu — as aguas do mar não são mais varias, as grimpas de Ternate mais inconstantes... Ministerial hoje, opposição ámanhã, cartista, miguelista, republicano, segundo vossês dizem, és um Protheo, um Camaleão... Agrada-me a tua variedade. E como não hade ser assim? Eu habituado a variar de mulher como de ceroulas, prégo em tí os olhos arregalados e invejo-te para o meu serralho... Ah! Luiz, pasmo como n'essa terra de civilisação publicandose leis (segundo dizem) em que se prohibe habitar em certas ruas a certas *dorzellas doloridas*, tu não tens inibição alguma.

Comes, bebes, andas, dormes, e sem postura, ou edital que te embargue o passo.

Ora pois, que o grande Tupinamba te illumine, que o estanho te seja propicio, e que vivas como tens vivido — alugando a intelligencia a tanto por linha, que eu fico sendo

Teu captivo
MOABDAR.

REVISTA DE 1851

Em 5 actos e 1 prologo.

(Continuação).

ACTO III.

Quadro primeiro.

Todos. — O que é? Que foi? Que acontece?

Antonio — Então os srs. cantam o coro dos *fabricantes de moeda falsa*?

Todos. — Então que tem? Nós sabemos isto de côr e salteado; V. ex.ª está emburrado a não cantar senão doetos de *Masnadieri*, e nós embirramos com os *fabricantes de moeda falsa*; cada qual no seu officio.

Antonio. — Mas com tudo é immoral; estou esquentado com vocês! *Reconsidere*, cantem outra cousa, senão seringos-os.

Todos. — Mas se nós não temos nada mais estudado?

João. — Não vale zangar, está ahí essa gente na rua a ouvir, e o que hade dizer? Háode persuadir-se que aqui é

Una fucina,
Dove stan monete false
Notte tempo a fabbricar.

(Antonio vai fechar as janellas).

Antonio. — Senhores, assim vai torta, ponham-se no meio da rua, o baile está finalizado. Julião? (chamando).

Julião (esperguiçando-se). — Senhor, é preciso apagar as luzes?

Antonio. — E já immediatamente, apague tudo isso.

Julião (arremedando a voz de um ser-

vente de loja de bedidas). — Salta um apagador. (Começa a apagar as luzes, Antonio e João dão murros sobre as bancas, os convidados sahem á formiga, mas muito tristes, Julião apagando, e cantando ao mesmo tempo; e finda a apagação diz) — Ah! estou vingado!

(Cae o panno.)

ISTO NÃO E' BURLESCO.

Sabendo os redactores do Burlesco, que muitos dos seus assignantes tem desejo de possuirem as caricaturas coloridas, são servidos or-

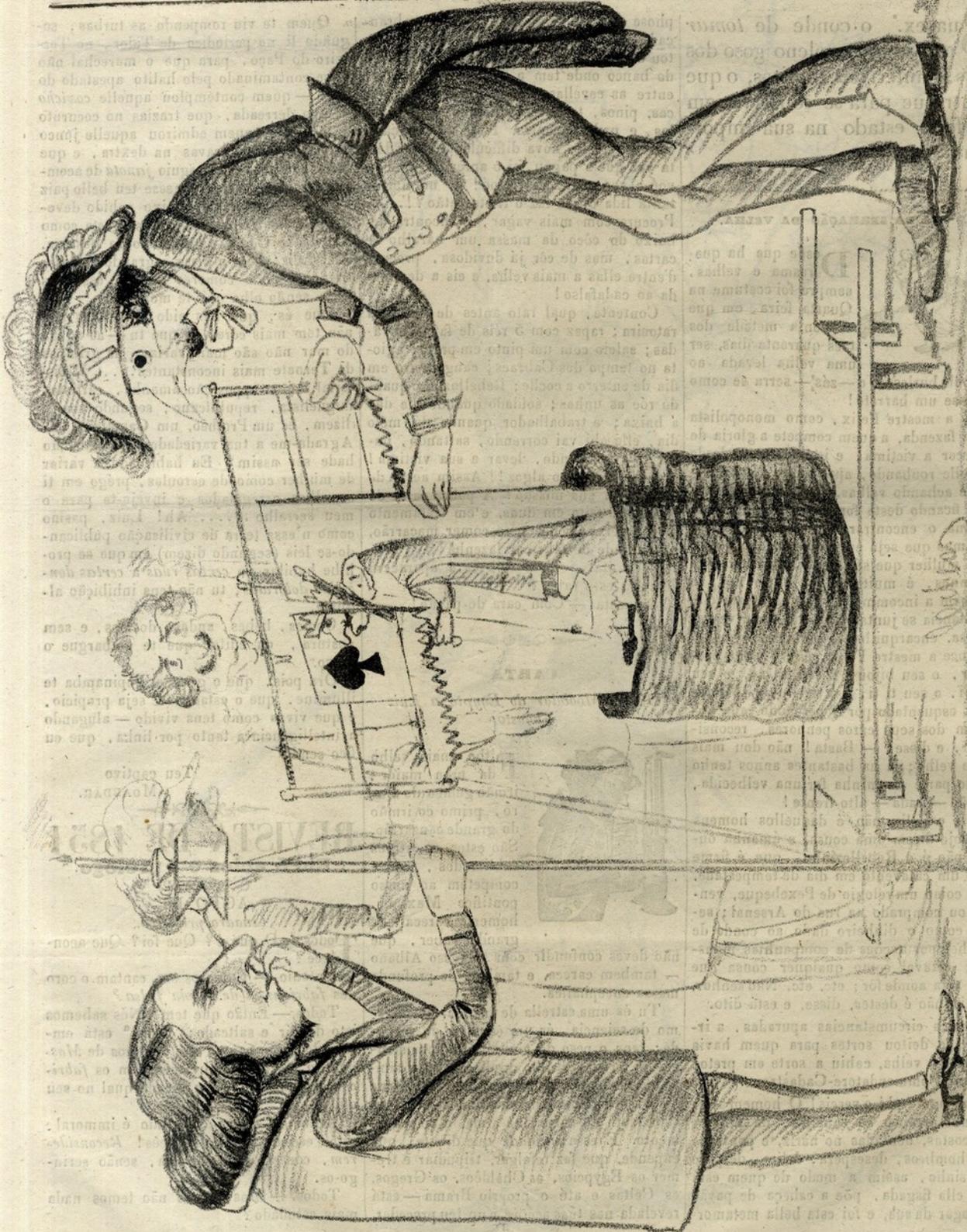
denar que d'este numero em diante se mandarão imprimir (sem leitura) em bello papel as caricaturas do mesmo, as quaes serão coloridas primorosamente.

Os srs. que as quizerem terão a bondade de o declarar ao distribuidor para as receberem com a entrega do numero seguinte. O preço é de convidar = cada caricatura 30 rs., metal sonante. Tambem se encontrarão á venda nas lojas dos srs. Pereira, e Lavado, rua Augusta.

Responsavel — M. de J. Coelho

Typographia de Manoel de Jesus Coelho

Rua do Poço dos Negros n.º 54.



SERRAÇÃO DA VELHA

1174 R. da Espir. 11/50